4

POPULAÇÃO TRABALHADORA DOS VIVEIROS EM SEUS ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS

O quadro de Recursos Humanos dos viveiros se compunham em sua maioria de homens, 69% entre os enxertadores e 65% entre os trabalhadores funcionais. Tais proporções variaram entre as regiões e entre as técnicas de produção de mudas.

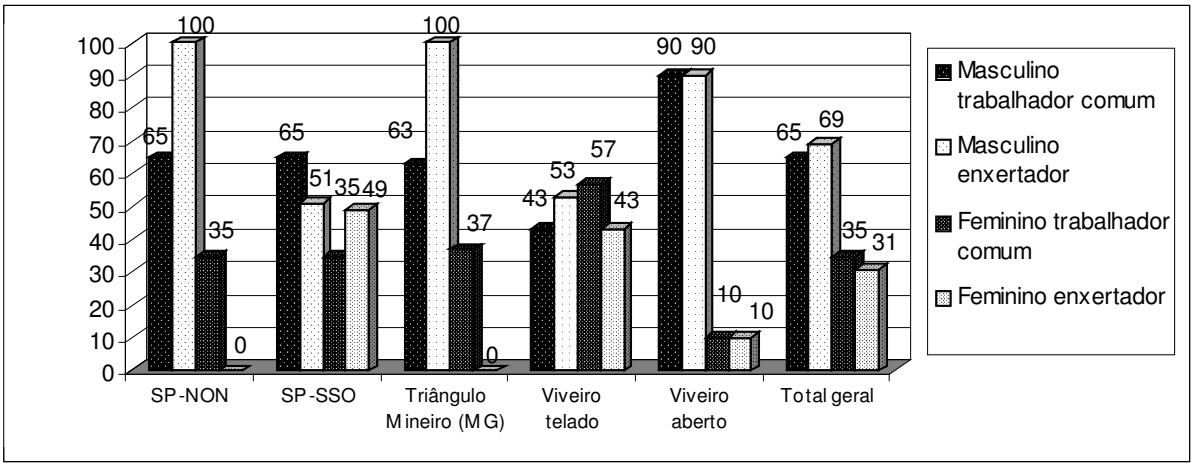
Nas regiões do Triângulo Mineiro (MG) e do SP-NNO o sexo masculino foi mais representativo, principalmente na atividade de enxertia. Na região SP-SSO havia um certo equilíbrio entre os sexos e especificamente no trabalho de enxertia a participação feminina apresentou-se mais significativa com 49%.

Por sistemas de produção as informações vieram corroborar as técnicas apresentadas no capítulo anterior: nos viveiros a céu aberto foi utilizado, predominantemente, o trabalho masculino, ao passo que nos telados houve preferência pelo trabalho feminino. Na operação de enxertia, nos viveiros telados, constatou-se equilíbrio entre os sexos, enquanto nas outras atividades a presença feminina passou a ser mais expressiva, ocupando 57% dos postos de trabalho (Figura 31).

Figura 31 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Trabalhador Comum e Enxertador nos Viveiros de Citros, Segundo o Genero

2001/02

(em %)



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Se pelo lado dos viveiristas produtores de mudas teladas havia vantagens em arregimentar mão-de-obra feminina, para as mulheres trabalharem neste sistema de produção lhes propiciava:

a) Estabilidade de remuneração, no mínimo de um salário. Na época do levantamento de campo, a oferta de trabalho nas cidades era pequena tanto no setor secundário quanto no setor terciário, como também, nos últimos anos, estes setores passaram a exigir um maior nível de escolaridade e de qualificação. O trabalho de diarista ou de volante na agricultura, além de menor remuneração, não estava ocupando muitos braços, por encontrar-se em um período de fraco emprego, dezembro e janeiro, visto que as operações de plantio de culturas anuais e semi perenes têm sido realizadas por meio de motomecanização (BAPTISTELLA, 1994).

b) A maioria dos viveiros telados oferecem transporte e o ponto de encontro dos funcionários se difere daqueles outros trabalhadores rurais, não havendo aglomeração de pessoas. Quando o viveiro localiza-se próximo da cidade onde há linhas de ônibus urbano os funcionários recebem auxílio transporte.

c) O horário de trabalho do viveiro é igual a de outros setores, como creche e escola, o que facilita as mulheres levarem e buscarem seus filhos em idades tenras nessas instituições. Como também, por não terem de sair muito cedo e nem chegarem muito tarde em suas casas, o trabalho doméstico é realizado com maior tranqüilidade[38], embora represente um sobre trabalho.

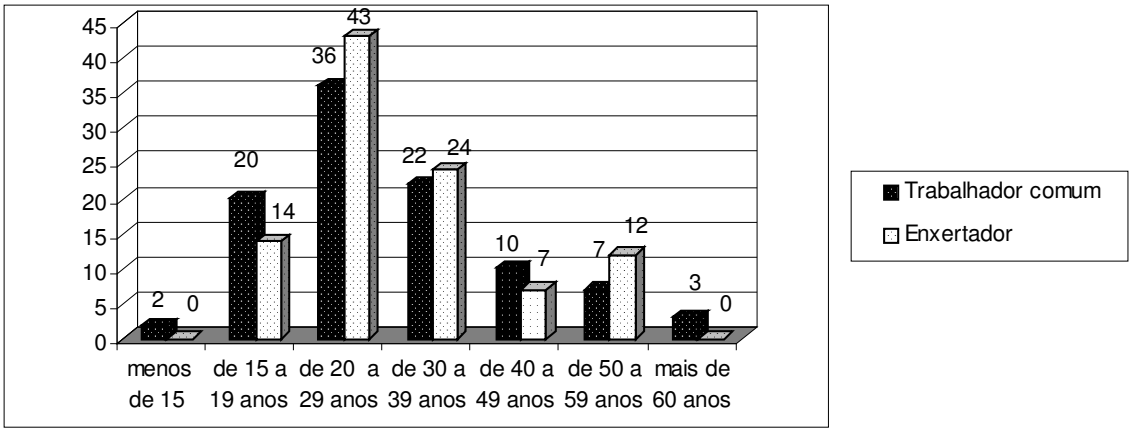
d) Trabalho regular e ainda terem registro em carteira, com seus benefícios; fornecia-lhes os sentimentos de segurança e de serem diferentes frente as outras trabalhadoras.

A distribuição dos trabalhadores por idade (Figura 32) propicia uma visão de quais são as faixas etárias mais empregadas. Embora seja de conhecimento a proibição do trabalho para menores de 16 anos de idade, observou-se que 2% dos trabalhadores tinham menos de 15 anos. Esses trabalhadores, em geral, eram filhos de viveiristas que produziam muda a céu aberto, ocupando-se em um período no viveiro e no outro a escola, levando a ilação de que não estaria havendo prejuízo em seu desenvolvimento escolar. No entanto, o que o setor não deve admitir é a presença de crianças, sem nenhuma relação de posse ao viveiro, trabalharem integralmente podendo levar a perdas em seu desenvolvimento.

[38] A jornada de trabalho das mulheres quando trabalham na colheita ou nos tratos culturais nas lavouras é maior, bem como, a distância entre o local de trabalho e da moradia. Aquelas que possuem filhos pequenos necessitam de parentes ou amigos para os conduzirem à escola ou à creche. Uma descrição detalhada destas mulheres encontram-se em BAPTISTELLA (1998), VICENTE (1997) e Panzutti (1992).

Figura 32 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Faixa Etária do Trabalhador Comum e do Enxertador nos Viveiros de Citros

2001/02
(em %)

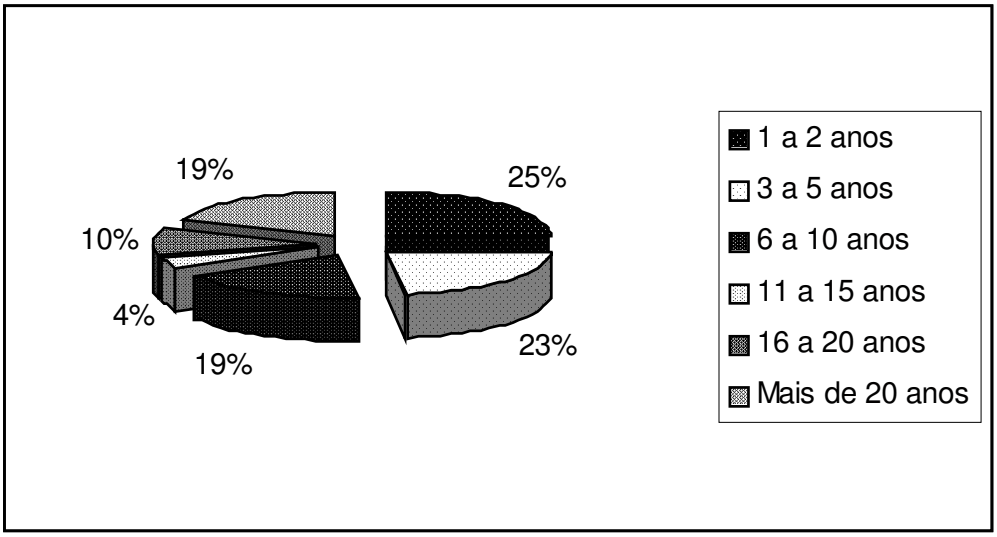


Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

O setor viveirista empregou 81% de enxertadores e 78% de trabalhadores comuns com idade até 39 anos. A faixa etária que teve maior participação foi a de 20 a 29 anos. À medida que aumenta a idade diminui o percentual dos trabalhadores, mas este setor propicia empregos a pessoas com mais idade e, para alguns proprietários de viveiros, os funcionários mais velhos eram mais responsáveis, assíduos e possuíam mais experiência na atividade. Principalmente na atividade da enxertia, a qual requer qualificação, o tempo que o trabalhador tem na atividade lhe dá um diferencial no momento de sua ocupação no viveiro.

Os viveiros que arregimentavam o enxertador para alguns dias no ano, geralmente os viveiros a céu aberto, davam preferência aos indivíduos mais experientes. É o que pode ser observado na Figura 33, onde 75% dos enxertadores atuavam na atividade acima de 3 anos, sendo 19% há mais de 20 anos.

Figura 33 – Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Experiência em Anos de Trabalho do Enxertador na Atividade Viverista 2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

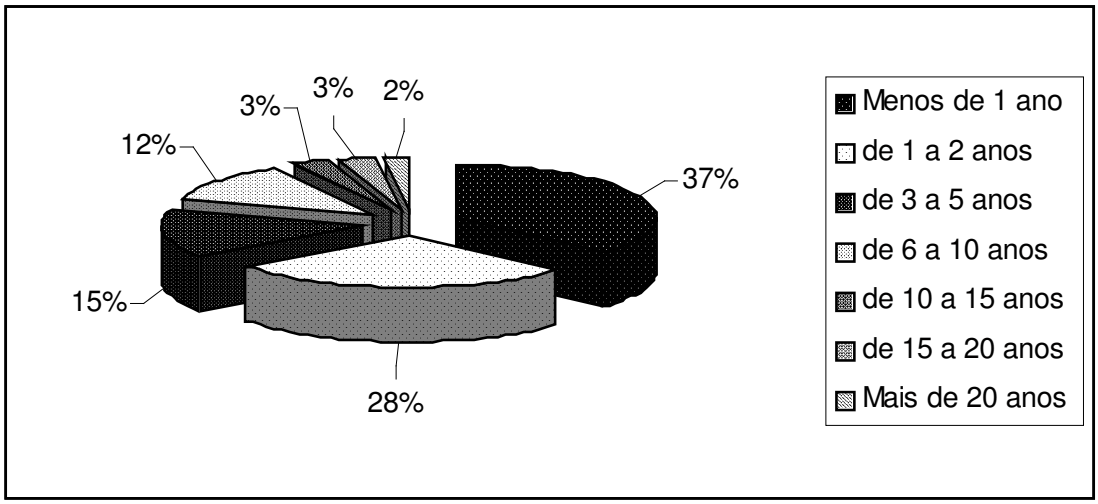
Os enxertadores que possuíam menos de 2 anos eram os que trabalhavam nos viveiros telados e tinham sidos escolhidos e treinados no próprio viveiro sob a orientação de um trabalhador mais antigo ou pelo agrônomo do viveiro. Todavia, os que não possuíam trabalho regular, em torno de 72%, informaram exercerem outra atividade além de enxertador, sendo as funções mais citadas as de serviços gerais em sítios, aplicador de defensivos na cultura da cana-de-açúcar, plantador de mudas em pomares e o serviço de arranquio de mudas cítricas em viveiros a céu aberto.

As atividades desenvolvidas pelos trabalhadores comuns não exigem muito tempo de aprendizagem, sendo a destreza e delicadeza em lidar com os porta-enxertos e com as mudas os principais quesitos. As outras atribuições como: plantio de sementes, capina, desbrota, arranquio e carregamento de mudas nos viveiros a céu aberto; descarregar e transportar substrato, encher saquinhos com substrato, sementeira, estaqueamento, corte de cavalinhos, poda de mudas etc, nos viveiros telados, não exigem muita qualificação. Nesta categoria de trabalho 65% das pessoas ocupadas tinham menos de 3 anos na atividade. De forma geral, são pessoas mais facilmente substituíveis e encontradas no mercado de

trabalho rural. As que possuem mais tempo na atividade tinham vantagens sobre as demais, mas é uma categoria que tem alto grau de rotatividade (Figura 34).

Figura 34 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Experiência em Anos de Trabalho do Trabalhador Comum na Atividade Viveirista

2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Nos viveiros a céu aberto, somente em algumas épocas do ano, o trabalhador comum era ocupado o dia todo; em outros períodos ele era requisitado parte do dia ou era ocupado alguns dias na semana ou no mês. Foi computado que 75% desses trabalhadores exerciam outras atividades, tendo sido as mais citadas na zona rural: ocupação em outras atividades nas propriedades; atuavam como tratoristas; trabalhavam nos seus sítios; prestavam serviços gerais (diaristas) em outras propriedades; realizavam tratos culturais em diferentes culturas; eram colhedores (volantes) de laranja, limão, batata, etc; embaladores de citros em *packing-houses.* Na zona urbana ocupavam-se em diferentes atividades como: manicure, vendedor de roupas, motorista de caminhão, pedreiro, músico, estudante, dedetização residencial/comercial e pinturas ou estampas em camisetas.

Não houve menção, por parte dos trabalhadores arregimentados nos viveiros a céu aberto, sobre treinamento para exercerem suas atividades, ao

passo que, nos viveiros telados, os enxertadores, mesmo os mais experientes, receberam treinamento específico para realizarem suas tarefas e tiveram palestras sobre pragas e doenças. Os trabalhadores funcionais mencionaram que tinham recebido vários treinamentos, principalmente os que trabalhavam nas grandes empresas viveiristas como: palestra de pragas e doenças ministradas pelo FUNDECITRUS, o uso correto do Equipamento de Proteção Individual (EPI), motivação para o trabalho, palestra sobre defensivos, como fazer amarração e a retirada do plástico da enxertia, palestra com apresentação de vídeos sobre mudas (Como Trabalhar com Elas) e alguns trabalhadores disseram que tinham realizado treinamento de tratorista e de enxertia. Embora existissem dispensas de trabalhadores funcionais, ou mesmo pedido de demissões por parte de alguns, por não se adaptarem em trabalhar em locais fechados devido ao calor e a regras muito bem determinadas, havia o interesse das empresas na formação de equipes e na permanência desses indivíduos treinados.

Entre o pessoal entrevistado, quanto às suas atividades anteriores ao trabalho nos viveiros de citros, a metade dos trabalhadores comuns ocupavam-se em atividades do setor rural, sendo que pequena parcela (4%) mantivera relação de produção como sitiantes/pequenos produtores, meeiros (café, batata, arroz, milho, feijão) e os que um dia tiveram seus próprios viveiros de muda. Parcela significativa desses indivíduos (46%) sempre mantiveram relação de trabalho, sendo as mais citadas as de colhedor (laranja, limão, cana-de-açúcar, batata, algodão, tomate), diarista, tratorista, retireiro, mensalista, aplicador de defensivos agrícolas, administrador de fazenda e enxertador. Os que informaram terem trabalhado no setor urbano, 9% atuaram no setor secundário da economia (usinas de açúcar, fábricas, curtumes, frigoríficos, tecelagens e pequenas unidades de transformação de aguardente, palha de cigarros, doces); 28% atuaram no setor terciário (empregada doméstica, faxina, pedreiro, balconista, mecânica, funilaria e pintura de veículos, lavador de carros, motorista de caminhão, garçonete e vendedor de móveis, madeira, roupas); os 13% restantes tinham como única ocupação serem estudantes.

Diferente dos trabalhadores comuns, parcela significativa dos enxertadores (72%) sempre estiveram ligados ao setor rural, sendo que 9% mantiveram relação de produção como meeiros de café ou como pequenos sitiantes que também cultivavam seus próprios viveiros. Os que haviam tido relação de trabalho atuavam na colheita (cana-de-açúcar, laranja, limão, algodão, café), diarista, retireiro, mensalista e tratorista. Nas atividades exercidas no setor urbano nenhum dos enxertadores entrevistados tinham atuado no setor secundário da economia; 11% informaram terem trabalhado na área de prestação de serviços (faxineiro (a), pintor, balconista, *office-boy* e empregada doméstica) e 17% eram estudantes.

Foi constatado que 17% dos pais dos trabalhadores entrevistados, também tinham trabalhado em viveiros como trabalhadores comuns e 14% tinham sido enxertadores. Os que informaram que seus pais exerciam outras atividades, a grande maioria das ocupações estavam ligadas ao setor rural, sendo as mais citadas a de colhedor e pequenos sitiantes. Para os trabalhadores de viveiros a céu aberto não foi observado mudança qualitativa entre gerações, ou seja, esses indivíduos estavam reproduzindo a mesma vida de seus pais. Para as pessoas que trabalhavam nos grandes viveiros telados, os resultados apontaram uma melhora na qualidade de vida, relacionada aos benefícios oferecidos pelo viveiro e, principalmente, pelo registro em carteira. Para esses indivíduos, o fato de terem suas carteiras de trabalho assinadas diferenciava-os, tanto profissionalmente quanto pessoalmente, dos outros trabalhadores. Estarem efetivamente engajados em seu meio propiciava-lhes sentimento de segurança.

Como o período em que foi realizado o levantamento de campo caracterizava-se como de fraco emprego na agricultura, era interessante captar como estavam os mercados de trabalho nos municípios e nas região, no entendimento desses trabalhadores. Embora se tenha entrevistado muitas pessoas em diferentes localidades, foi observado consenso de opiniões nesta questão. Para eles, tanto no rural como no urbano, não havia ofertas de trabalho suficientes. Muitos postos de trabalho em pequenas indústrias e no comércio tinham sido fechados, ou por falência ou por terem sido absorvidos por empresas

maiores. Além de diminuir o número de vagas, o grau de exigência tinha aumentado pelos empregadores.

Fato semelhante estava acontecendo no meio rural. Algumas propriedades não estavam conseguindo manter-se de forma competitiva e muitas estavam tendo dificuldades em honrar os compromissos com as entidades financiadoras, bem como se modernizarem no processo de cultivo. Os entrevistados iam dando exemplos de propriedades que tinham sido arrendadas ou compradas por outra empresa ou por um dado produtor e que se utilizavam de muita tecnologia no cultivo, não sendo necessários muitos braços. Os indivíduos nos viveiros a céu aberto, além de conhecerem as dificuldades de ocupação em suas regiões, tinham plena consciência que, a partir de 2003, iriam ficar sem trabalho pois os viveiros telados já tinham composto seus quadros de funcionários. Nos municípios em que haviam muitos viveiros a céu aberto, a competição por um posto de trabalho em viveiro telado seria grande.

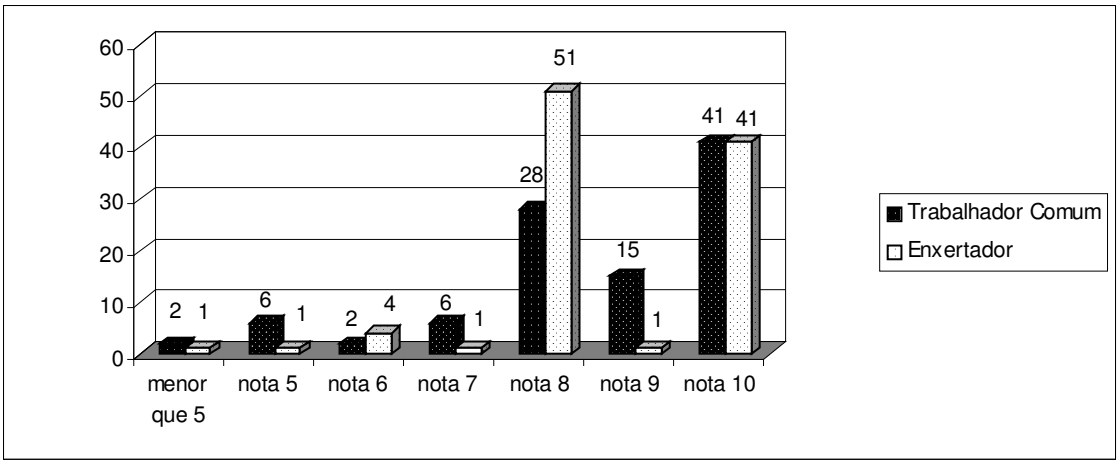
Indagados quanto ao nível de satisfação em trabalhar no viveiro[39] observa-se que as percentagens das notas acima de 8 foram as mais freqüentes, para as duas categorias de trabalho (Figura 35). Este informe, juntamente com as razões que os levaram a trabalharem nos viveiros possibilita caracterizar que o setor viveirista estava oferecendo vantagens, tendo sido as mais citadas: melhor remuneração, jornada de trabalho, facilidade em realizar os serviços. Para os que trabalhavam nos viveiros telados acresciam o registro em carteira, uniforme de trabalho, treinamentos e, o mais mencionado, ter trabalho o ano inteiro. A principal queixa, dos que estavam insatisfeitos nos viveiros telados, foi a alta temperatura no interior dos viveiros[40]. Ao passo que as insatisfações dos que trabalhavam em viveiro aberto eram o não reconhecimento do trabalho prestado pelos viveiristas e a instabilidade que estavam passando pela diminuição dos postos de trabalho devido a erradicação de muitos viveiros.

[39] Utilizou-se a técnica de preferência em escala de 1 a 10.

Figura 35 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Nota de Satisfação em Trabalhar no Viveiro de Citros: Trabalhador Comum e Enxertador

2001/02

(em %)



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Quando interrogados quanto às suas perspectivas de futuro, a grande maioria optou pelo setor de prestação de serviços nas cidades, os mais jovens gostariam de voltar a estudar e fazer cursos técnicos para assim poderem trabalhar nas indústrias e, pequena parcela dos entrevistados, gostariam de permanecer na agricultura, mas na condição de proprietários rurais.

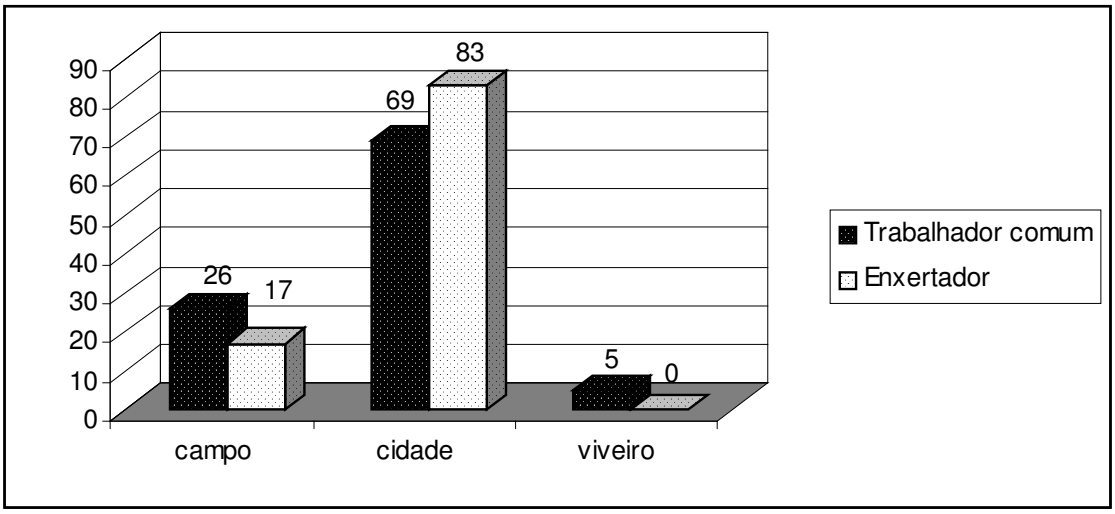
Não se pode mais separar o setor urbano do setor rural para se discutir os trabalhadores ocupados nos viveiros, pois a grande maioria tinha suas moradias localizadas em áreas urbanas. Mesmo os que indicaram residirem no campo (26% de trabalhadores comuns e 17% de enxertadores) e os que residiam nos próprios viveiros (somente 5% dos trabalhadores comuns), dependiam dos dois setores para sua manutenção e reprodução (Figura 36).

[40] Tema que vem merecendo grande atenção de viveiristas e pesquisadores.

Figura 36 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Local de Moradia do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros

2001/02

(em %)



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Durante décadas o campo expulsou seus moradores, ora por leis governamentais e/ou uso da terra como reserva de valor, ora por expansão de monocultura e/ou substituição de culturas, mas a tecnificação foi o fator que incidiu e ainda tem incidido de forma definitiva no deslocamento das pessoas para as áreas urbanas.

Há anos que o campo tem deixado de ser o principal local de moradia, mas ele ainda necessita de muitos braços em determinadas épocas do ano. Em atividades como a dos viveiros de citros, o trabalho humano se faz essencial e, como as cidades não têm conseguido gerar empregos ou atividades suficientes para absorver essa população, o campo ainda é o principal local trabalho.

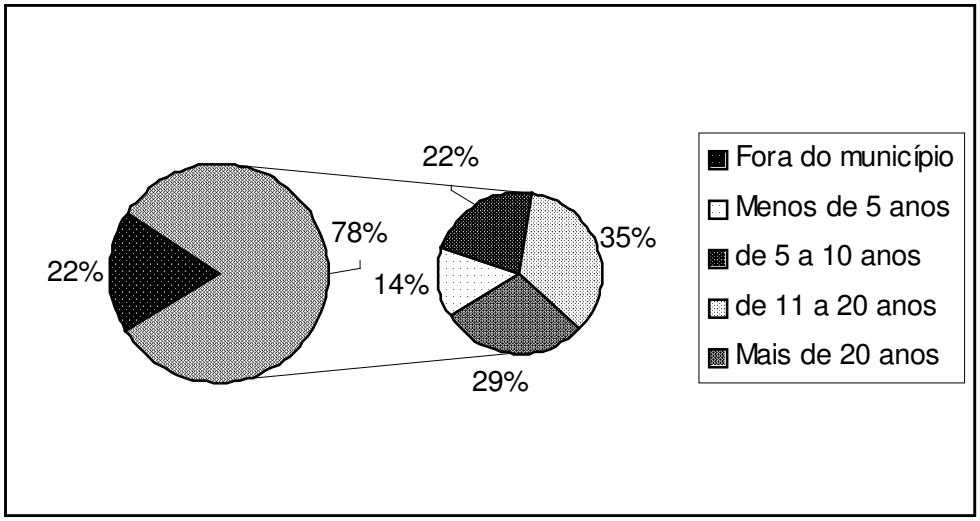
Grande parte dos indivíduos entrevistados sempre residiram nas cidades, por oferecerem uma melhor qualidade de vida pois usufruem de energia elétrica, água, transporte, postos de saúde, hospitais, escolas, divertimentos, enfim, mais facilidades e maior conforto.

O tempo de moradia dessas pessoas no município é outro fator relevante para caracterizá-los. “Sabe-se que, normalmente, após alguns anos de residência

em uma mesma região ou município, as pessoas adquirem hábitos e costumes do local, ou seja, são aculturadas, passando a compartilhar e a entender as regras e leis sociais que regem a comunidade a que pertencem. A mudança de residência sempre traz consigo uma nova adaptação; a mudança constante pode levar o ser humano a perder sua identidade, seus pontos de referência. Não pertencer a nenhuma comunidade resulta em estar vivendo sempre à margem da sociedade" (Baptistella, 1998 p.74). Pode-se constatar, nas categorias de trabalho em estudo, que a mudança de moradia entre municípios não fazia parte da rotina da maioria dessas pessoas, pois 78% dos trabalhadores comuns nunca mudaram de município e 86% moravam a mais de 5 anos na mesma casa. Estabilidade na moradia foi também constatado para os enxertadores, com 70% residentes no mesmo município e 67% na mesma residência (Figuras 37 e 38).

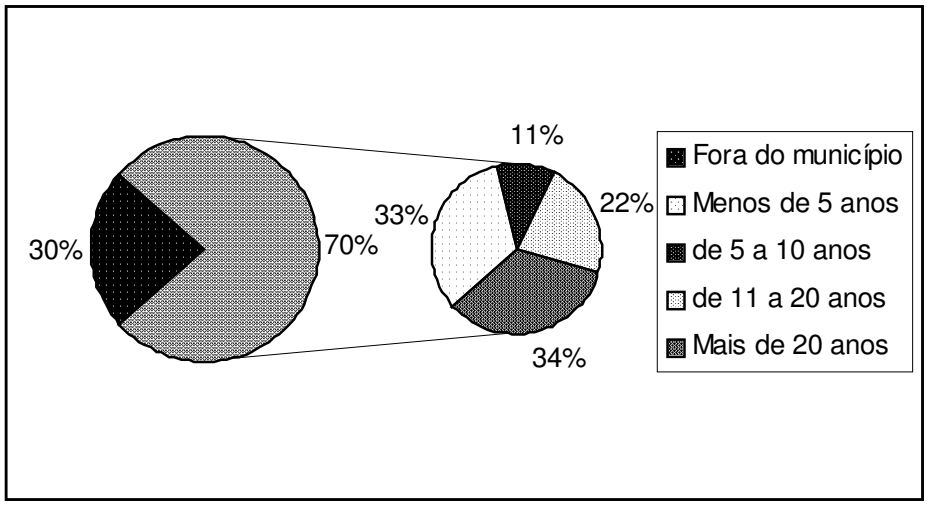
Figura 37 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Tempo de Residência no Município do Trabalhador Comum dos Viveiros de Citros

2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Figura 38 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Tempo de Residência no Município do Enxertador dos Viveiros de Citros 2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Como era previsto, a grande maioria dos trabalhadores entrevistados tinham por nacionalidade a brasileira; somente na região SP-NON, foi identificado 9% de indivíduos de origem espanhola. Exceto este grupo de imigrantes, a maioria dos trabalhadores entrevistados no Estado de São Paulo tinham nascido no próprio estado, o mesmo acontecendo com os trabalhadores do Triângulo Mineiro (MG).

Dos trabalhadores comuns ocupados nos viveiros, na época do levantamento de campo, 52% eram casados ou amasiados, 46% eram solteiros e 2% eram separados. Na atividade de enxertia, a proporção de pessoas casadas ou amasiadas era de 68% e 32% eram solteiros.

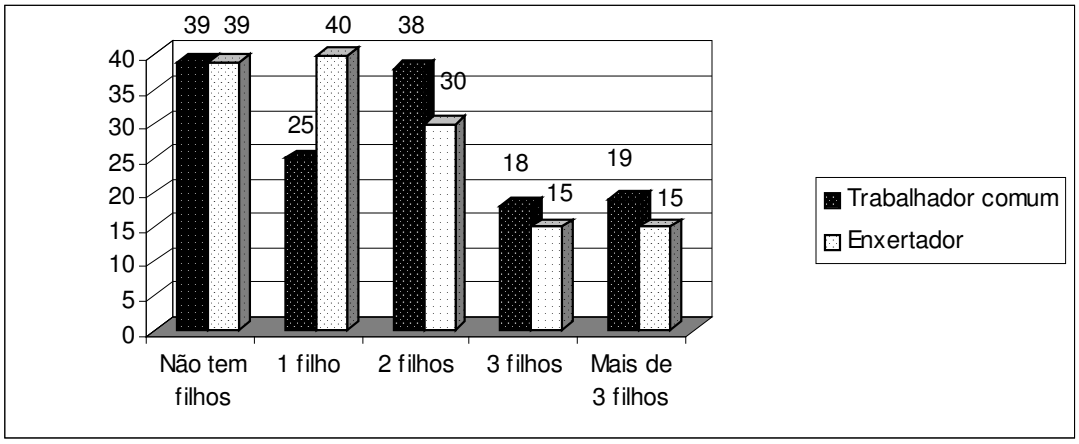
Nas duas categorias estudadas, 39% dos trabalhadores não tinham filhos. Dos que informaram terem filhos, a grande maioria possui até 2 filhos. Embora 37% dos trabalhadores comuns e 30% dos enxertadores tenham informado 3 ou mais filhos, a média geral ficou em torno de 2,6 filhos por trabalhador (Figura 39). Esses dados indicam que essas categorias de trabalhadores estão seguindo uma tendência geral da população do país. Trabalho desenvolvido por BAPTISTELLA (1998), com dados de 1994 sobre os volantes colhedores de laranja na principal região citrícola paulista, a qual ocupava na época o eixo que se estendia da região

de Campinas ao extremo norte do Estado de São Paulo, constatou que o número de filhos por colhedor era de 3 em média. Ao se comparar estes informes, mesmo num período tão curto, há indicação de uma tendência efetiva na diminuição do número de filhos. A idéia de que os indivíduos que trabalham no setor rural tenham, geralmente, muitos filhos deve ser refutada, principalmente nestas regiões.

Figura 39 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Número de Filhos do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros

2001/02

(em %)



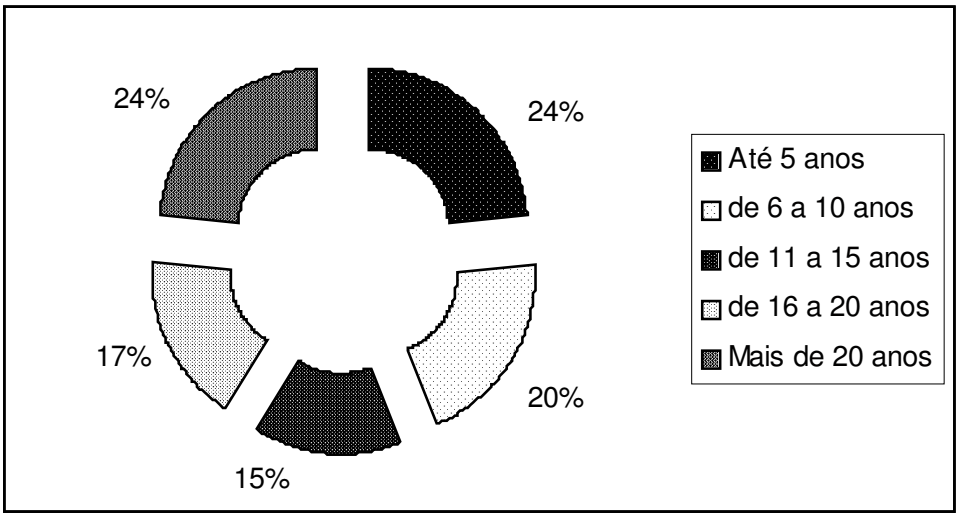
Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Dos filhos desses trabalhadores 24% tinham até 5 anos idade, 35% tinham de 6 a 15 anos de idade e, a maior proporção, 41%, tinham filhos na faixa etária a partir de 16 anos (Figura 40). Anteriormente, o número de filhos estava intimamente relacionado com o número de braços produtivos que a família dispunha para sua sustentação. A vida urbana tem alterado, no decorrer dos anos, o padrão da composição familiar. Viver no setor urbano viabilizou a possibilidade de educar e profissionalizar os filhos, como também, de ingressarem num mercado de consumo onde a dependência em relação ao dinheiro lhes dá insegurança quanto à sobrevivência. Há uma reordenação na unidade familiar e uma transformação no relacionamento interno, os valores tradicionais da

sociedade rural está se rompendo com a diversificação dos interesses de cada membro da família.

Figura 40 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Idade dos Filhos dos Trabalhadores Comuns e dos Enxertadores dos Viveiros de Citros

2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

O número de habitantes por residência, para a categoria enxertador, era em média de 3,8 pessoas.

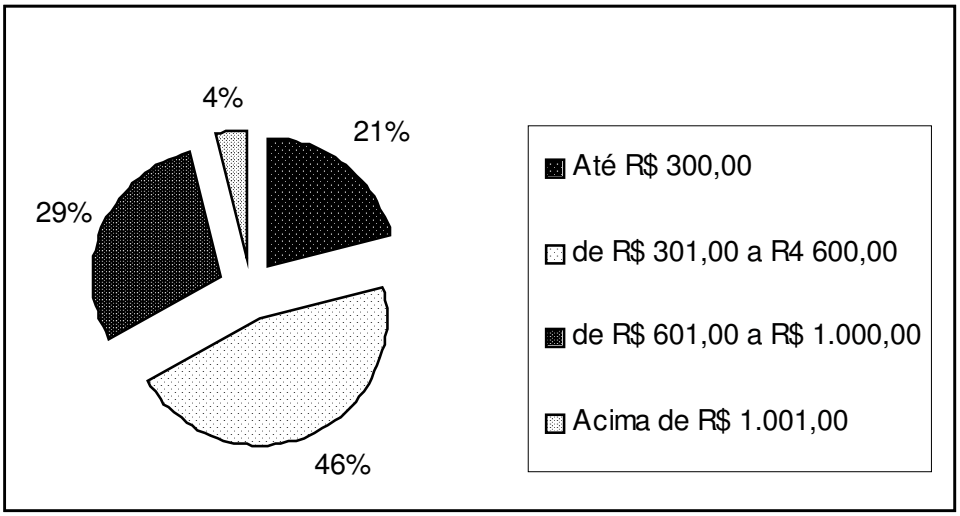
Os enxertadores que informaram serem as suas remunerações a única fonte de renda na família foi pequeno, ou seja, somente 110 pessoas que dependiam exclusivamente desta renda sendo: 44 companheiros (as), 50 filhos e 17 outros membros da família, em geral parentes próximos.

Na categoria de trabalhadores funcionais, o número de habitantes por residência era de 4,5 pessoas em média. Um trabalhador funcional tinha como dependente de seu salário 2,8 pessoas. Os dependentes totalizaram 1.020 indivíduos onde 34% eram companheiros (as), 47% eram filhos e 19% eram outros membros da família.

Os dados obtidos na pesquisa identificaram que acima de 60% dos companheiros (as), tanto dos trabalhadores comuns como dos enxertadores, contribuíam na renda familiar em torno de R$ 300,00 por mês. Muitos

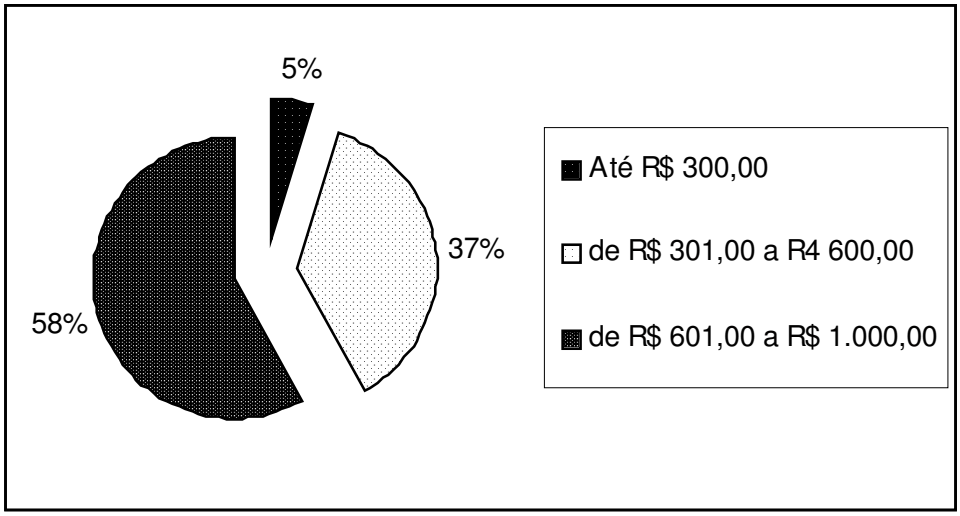
trabalhadores informaram que os filhos também exerciam alguma atividade remunerada. Para 21% dos trabalhadores comuns e apenas 5% dos enxertadores o orçamento doméstico não ultrapassava a R$300,00 por mês. No entanto, para a grande maioria dos trabalhadores, a renda familiar lhes proporcionavam uma qualidade de vida onde as necessidades básicas eram supridas, principalmente para aqueles que recebiam algum benefício dos viveiros onde trabalhavam (como indicado na Figura 27). Para muitos dos entrevistados, o orçamento familiar lhes possibilitava a aquisição de bens duráveis (Figura 41 e 42).

Figura 41 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Renda Familiar do Trabalhador Comum dos Viveiros de Citros 2001/02



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

Figura 42 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Renda Familiar do Enxertador dos Viveiros de Citros
2001/02



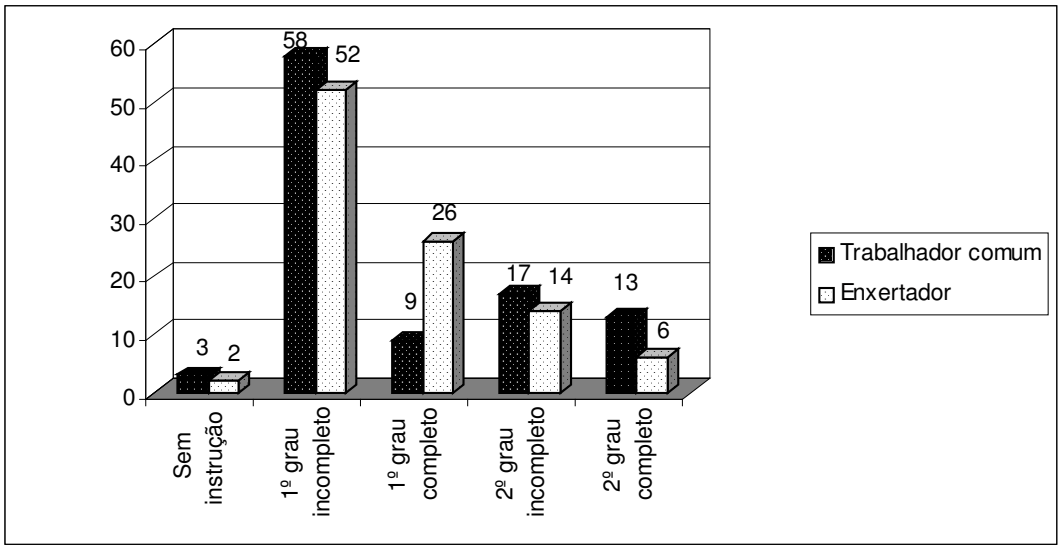
Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

O grau de escolaridade dos entrevistados pode ser evidenciado quando se observa que: apenas 3% dos trabalhadores comuns e 2% dos enxertadores não tinham nenhuma instrução; que praticamente a metade desses trabalhadores possuíam o primeiro grau incompleto e, o que chamou a atenção foi que 39% dos trabalhadores comuns e 46% dos enxertadores tinham mais tempo de estudo, ou seja, o primeiro grau completo e o ensino médio incompleto ou concluído (Figura 43).

Figura 43 - Estado de São Paulo – NNO e SSO e Minas Gerais – Triângulo Mineiro. Grau de Instrução do Trabalhador Comum e do Enxertador dos Viveiros de Citros

2001/02

(em %)



Fonte: Pesquisa de campo, 2001/02

A menos de uma década, o nível educacional das pessoas que tinham como principal ocupação o setor rural era configurado como sendo de poucos anos de estudo. O nível educacional, desses trabalhadores está, por um lado, relacionado a uma maior exigência dos viveiros em formar equipes de trabalho que tenham o mínimo de escolaridade, pois muitos destes empreendimentos estão treinando seus funcionários. Por outro lado, morando no setor urbano os indivíduos possuem maior possibilidade de acesso a escola e mesmo a cursos destinados a pessoas com mais idade.